

UMA REFLEXÃO ACERCA DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Isabel Cristina Soares Gomes

Universidade Federal da Paraíba - isabel_sgomes@hotmail.com (UFPB)

Jéssica Rodrigues Anizio Lira

Universidade Federal da Paraíba -jessica.rodrigues.jp@hotmail.com (UFPB)

Letícia Felix Rocco Ribeiro

Universidade Federal da Paraíba -lele.rocco17@gmail.com (UFPB)

RESUMO

O presente artigo é destinado ao estudo dos ambientes de aprendizagem como um todo, buscamos compreender como os profissionais da educação podem trabalhar as múltiplas realidades presentes nesses ambientes, e como atuar para alcançar os objetivos propostos pela sociedade atual, promovendo, para tanto, reflexões à respeito da formação e da prática educativa voltadas às crianças com deficiência. Pretendemos encorajar os profissionais da educação a aprimorarem os ambientes de aprendizagem para melhor exercerem a educação inclusiva. Debruçadas na observação e no estudo dos temas relacionados a nossa pesquisa, procuramos entender quais os desafios encontrados pelos docentes, e quais alternativas para se enfrentar tais desafios. As inúmeras mudanças tecnológicas, econômicas e sociais encontradas na sociedade atual, encorajam novas organizações dentro dos ambientes de convívio, pois, precisamos em nível individual e coletivo buscarmos uma reforma do pensamento para que assim possamos dar conta da problemática que nos envolve. Essa pesquisa dedicou-se a uma análise bibliográfica de livros e artigos de autores como Morin, (2006), Maturana (2008), Pletsch (2009) e Moraes (2010). Trataremos de questões de tempo, espaço, relatividade e particularidades encontradas nas salas de aula, que levam ao professor a tarefa de tornar esse espaço em uma expressão de convivência com capacidade de transformação a todo o momento, com o objetivo de que, através da metodologia e das didáticas utilizadas, possam incluir em todas as atividades propostas as crianças com necessidades especiais. Este trabalho foi desenvolvido em conjunto por discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, com o objetivo de compreender como futuras profissionais da educação podem tratar de um assunto tão delicado, de maneira adequada para que possamos atuar de forma correta para exercermos a verdadeira inclusão. Podemos observar, ao longo das pesquisas bibliográficas, inúmeras contribuições que os novos paradigmas proporcionam, pois, ao compreender a complexidade de um ambiente é possível utilizar suas particularidades como pontos de partida para obtermos um melhor desenvolvimento de todos os envolvidos nos ambientes de aprendizagem sejam eles, docentes, discentes ou funcionários, independentemente de suas diferenças.

Palavras-chave: Ambientes de aprendizagem. Educação. Formação docente. Inclusão.

INTRODUÇÃO

As indagações em torno dos ambientes de aprendizagem nos levaram não somente a



necessidade de esclarecer os fundamentos teóricos que são responsáveis pelos princípios ontológicos e epistemológicos, mas também em refletirmos a cerca da realidade educacional que é um grande desafio para os educadores acostumados em trabalhar com certezas e verdades. Isso nos mostra a falta de instrução adequada para formarmos melhores educadores, capazes de compreenderem as realidades existentes nesses espaços de convívio e transformação, entendendo que é necessário buscar maneiras de trabalhar com todas as particularidades encontradas.

Quando se trata da educação especial, observamos outra lacuna na formação docente. Isso não se dá por falta de leis voltadas a esta modalidade de ensino, mas pela falta do exercício das mesmas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Plano Nacional de Educação (PNE) são apenas alguns aparatos legais que abordam diretrizes voltadas para a educação especial, tais leis referem-se à educação especial de forma genérica, secundária e opcional. Neste sentido, para formar professores preparados para atuar na educação especial, é necessário criar um ambiente específico para atender esta modalidade de ensino.

Os estudos realizados até o presente momento nos mostram que faz-se necessário uma reforma no pensamento da sociedade atual, entendendo que as questões voltadas a educação inclusiva não são tratadas com o devido afinco. Nosso estudo vêm propor um olhar mais adequado para essa problemática, para que assim possamos ser capazes de superar os desafios existentes na realidade que nos envolve.

É, portanto, imprescindível a intervenção das políticas públicas e ações consistentes adequadas, para que solucionemos às problemáticas observadas em nosso campo de pesquisa, porque entendemos que as políticas públicas se relacionam com o contexto socioeconômico e político da sociedade de um modo geral.

Diversos problemas afetam a sociedade civil, e quando falamos em pessoas com necessidades especiais há um impacto ainda mais acentuado, levando em consideração que, uma pessoa com deficiência irá se deparar com uma quantidade muito maior de barreiras, diante disso, precisamos encontrar as soluções possíveis e exequíveis para tamanhos impasses, para que assim, possamos acreditar e construir um futuro melhor, que através da educação sejamos capazes de renovar nossas esperanças acerca do papel que tem a educação na transformação da realidade de cada ser humano.

METODOLOGIA

Utilizamos a ferramenta da pesquisa bibliográfica, dentre as fontes de pesquisa que selecionamos, destacamos as contribuições de Saviani (2009), Maturana (2009) e Pletsch (2009) que



nos trouxeram valiosas contribuições tanto no aspecto metodológico, epistemológico e ontológico da discussão acerca da formação docente voltada à inclusão de pessoas com necessidades especiais.

Para a pesquisa, nos baseamos nos conceitos técnicos de Lima e Mioto (2007), seguindo os parâmetros de leitura seletiva e organizada, escolhendo as fontes mais relevantes do ponto de vista científico e acadêmico, bem como as que mais se aproximaram com o nosso objetivo central de estudo, que se refere à qualidade de profissionais da educação que tem se formado ao longo dos anos, e se essa formação tem sido suficiente para a demanda social na qual estamos inseridos.

Realizamos todas as leituras com o foco voltado para a formação docente, buscando fazer conexões didático-teóricas às especificidades da educação inclusiva, primando por traçar uma série de meios para que cheguemos à uma reflexão acerca da nossa realidade enquanto pedagogos, na área de educação especial, e também uma série de proposições de ações que, se postas em prática, possivelmente irão melhorar a qualidade de ensino e aprendizagem dos professores e alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com os estudos feitos, percebemos o papel social que tem a educação, analisamos sua relevância em vários âmbitos da sociedade, a esse respeito Saviani afirma que:

Trata-se, pois, de eleger a educação como máxima prioridade, definindo-a como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional e, em consequência, carrear para ela todos os recursos disponíveis. Assim procedendo, estaríamos atacando de frente, e simultaneamente, outros problemas do país, como saúde, segurança, desemprego, pobreza, infraestrutura de transporte, de energia, abastecimento, meio ambiente etc. (SAVIANI, 2009, p. 153).

Percebemos que, um governo que não prioriza ou não investe na educação do seu povo, está sendo no mínimo negligente e omissivo à qualidade de vida de seus cidadãos, à medida que, ao se negar um direito constitucional a qualquer sujeito, independente de qual seja sua limitação, está se descumprindo a lei, que garante educação para todos, e acima disso se nega à sociedade como um todo o direito de ter outros âmbitos sociais desenvolvidos, ao passo que, a educação fundamenta os outros setores sociais. No entanto, concordamos com Maria Cândida Moraes quando ela diz:

[...]pensando bem, precisamos de muito mais do que isto. Nesta etapa evolutiva da humanidade, necessitamos, mais do que nunca, de uma reforma do pensamento nutrida pela necessária abertura do coração, já que não adianta ter uma mente técnica e um coração vazio. Uma reforma do pensamento iluminada por uma escuta mais sensível, por um coração mais terno e amoroso, atento e solidário, por um olhar mais humano e compreensivo a respeito do sofrimento e da angústia de quem está ao nosso redor. (MORAES, 2010, p.22).

Ou seja, mais do que se pensar a educação apenas como uma “salvadora da pátria” responsável pelo desenvolvimento social, é preciso ter um olhar mais atento e humano para as



especificidades de cada indivíduo, levando em conta todos os problemas enfrentados por esse sujeito para conseguir garantir uma educação adequada. Pensar em educação inclusiva requer de nós, além de um conhecimento prévio acerca das necessidades de cada indivíduo, um olhar mais humano, que consiga enxergar todos os alunos e não apenas os ver.

REFLETINDO A RESPEITO DA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

Para melhor compreendermos as múltiplas realidades existentes nos ambientes de aprendizagem precisamos como educadores, desenvolver ações que verdadeiramente cooperem para o desenvolvimento do pensamento e da consciência do ser humano, tomando consciência da nossa ação transformadora. Para isso se faz necessário que possamos entender a problemática que nos afeta; e através desse entendimento nos tornarmos conscientes da responsabilidade que nós como futuras profissionais da educação vamos ter sob a sociedade.

Observamos ainda hoje a falta de ambientes que proporcionem ao alunado um melhor crescimento educacional, como uma estrutura ampla, para que possam obter o desenvolvimento eficaz do conhecimento acumulado, porém, o que vemos são docentes despreparados para atuarem com as múltiplas realidades e com as diferenças de cada indivíduo.

Ressaltamos a importância de compreender ou refletir sobre a tessitura complexa dos diversos problemas que degeneram práticas inadequadas de ensino e aprendizagem para o aluno especial. Há uma lacuna na formação do docente quando vemos que a educação especial é uma disciplina optativa na maioria dos cursos das licenciaturas, quando deveria ser uma área de extrema relevância, levando em consideração que é necessário formar profissionais aptos para atuarem com as deficiências e compreenderem suas particularidades, sabendo como exercer com desenvoltura o ato educacional. E como brilhantemente coloca Maria Cândida Moraes:

Precisamos refletir, crítica e conscientemente, sobre nossa realidade atual para que possamos encontrar soluções compatíveis com a gravidade dos problemas. Por outro lado, também é muito importante que o ceticismo não vença, para que possamos acreditar que um novo mundo é possível e que uma nova educação é urgente e necessária e renovar nossas esperanças no ser humano, nossa fé nas gerações e no futuro do planeta. (MORAES, 2010, p. 24)

A complexidade que une fatores biológicos, sociais, políticos e econômicos, é o ponto chave para minimamente começarmos a destrinchar a grande problemática que viemos enfrentando. Sabemos que professor e aluno fazem parte da sociedade e por isso toda a complexidade envolvida nela também os afeta, pois a escola é o reflexo da sociedade em que vivemos, esses reflexos nos afetam primeiro como cidadãos e decorrente disso traz suas consequências pra dentro da sala de aula.



Fica claro que, quando falamos em ambientes de aprendizagem, temos como principais sujeitos, professores e alunos, entendendo a complexidade dos fatores que tornam a relação entre eles e o espaço em que convivem, em uma relação que pode, deve e precisa ser mudada para melhor. Transferimos para o professor essa responsabilidade, porém enquanto futuras professoras, estamos sendo preparadas para tamanho desafio? A resposta, para essa questão, está na prática, em ousar mudar, em utilizar os recursos viáveis e começar a fazer a diferença, uma vez que o professor é capaz de transformar a realidade de seus alunos. Precisamos, no entanto, assumirmos a postura que recomenda Libâneo (1998) de verdadeiro rompimento com os paradigmas que perpassam a escola tradicional e fazer com que todos tenham condições de pensar por si mesmos e conseqüentemente, aprendam a aprender, mas que essa aprendizagem possua um cunho libertador, que torne esse aluno um sujeito crítico- reflexivo, que pense, e não apenas reproduza os conteúdos.

Para conseguirmos alcançar a mudança desejada através de novas práticas e métodos, é preciso que como educadores sejamos capazes de desenvolver procedimentos que colaborem verdadeiramente para a evolução do pensamento, da consciência e do espírito do nosso alunado, sendo este um novo método de educação que possa transformar a sociedade.

Não podemos como futuros profissionais da educação deixarmos toda essa nova estrutura educacional apenas na teoria, que muito colaboram para as novas estratégias e para compreendermos como passarmos a didática, a avaliação de maneira mais prazerosa e dinâmica. Esses métodos devem ser bem contemplados tanto em ambientes virtuais como presenciais.

A partir dessa nova visão de mundo, podemos compreender que o ser humano é multidimensional, inacabado, complexo, constituído de diferentes dimensões que vão se formando respectivamente em seu viver/conviver; alimentado pelas suas relações interpessoais, emocionais e racionais. Ou seja,

[...] o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. E que, para ser-se, funcionalmente autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (Freire, 2003, p.68).

Ontológica e epistemologicamente falando, nós não somos capazes de desagregar o ser de sua realidade, pois ambos se expressam juntos; dessa maneira também não podemos separar sujeito e objeto, educador e educando, sujeito e cultura, indivíduo, sociedade e natureza, deficiente e superação, pois esses são elementos essenciais, complementares e interdependentes.

Como bons educadores precisamos fazer leituras de mundo, compreendermos nossos alunos

e suas múltiplas realidades para que possamos atuar de maneira satisfatória, pois cada aluno interpreta a realidade da sua maneira, através das diversas vivências de mundo, e suas percepções dos estudos elaborados, cada ser tem sua particularidade.

Daí a importância de se desenvolver a capacidade de observação e cuidado; como professores atuantes em uma sociedade diversa, se faz necessário que possamos desenvolver uma consciência mais iluminada, uma observação mais sensível, e utilizarmos da criticidade para compreendermos que a realidade está em constante processo de transformação.

Nesse sentido é necessária uma formação e uma qualificação maior por parte do professor que irá lidar com diuturnamente com seus alunos, principalmente com aqueles que tem algum tipo de necessidade especial, independente de qual seja ela, pois,

“muitas vezes a falta de preparo e informação impede o professor de desenvolver uma prática pedagógica sensível às necessidades do aluno especial incluído. Portanto, o atual e grande desafio posto para os cursos de formação de professores é o de produzir conhecimentos que possam desencadear novas atitudes que permitam a compreensão de situações complexas de ensino, para que os professores possam desempenhar de maneira responsável e satisfatória seu papel de ensinar e aprender para a diversidade. Para tanto, faz-se necessário elaborar políticas públicas educacionais voltadas para práticas mais inclusivas, adequar a formação de professores às novas exigências educacionais e definir um perfil profissional do professor, ou seja, habilidades e competências necessárias aos professores de acordo com a realidade brasileira (NUNES SOBRINHO; NAUJORKS, 2001). Essas parecem ser, hoje, medidas urgentes a serem adotadas para que ocorra uma mudança no *status quo* da educação inclusiva.” (PLESTCH, 2009, p. 6).

E é através de um olhar mais cuidadoso sobre o aluno, e junto a esse olhar poderemos utilizar de uma capacidade reflexiva para melhor formarmos nosso alunado, pois educar o homem é colocá-lo em um contexto sócio histórico e cultural, e integrá-lo a comunidade em que ele vive. O olhar e o escutar de educador não podem ser assim tão espontâneos, esse olhar depende da intenção que o educador atribui, a devida importância que este dá ao seu alunado, para que através desse olhar possa melhor compreendê-los e auxiliá-los em seu processo de formação. Para que essa atitude de olhar reflexivamente seja eficaz nesse processo contínuo de formação é preciso que tanto os educadores quanto a direção e a equipe pedagógica estejam abertos para o diálogo, com objetivo de criarem novas atividades que promovam debates e distintas formas de expressão.

Ao estudarmos a teoria de Maturana (2008), fazemos uma ligação quando se trata de uma filosofia educacional humanizada, através da biologia do amor, onde o professor terá a autonomia, sendo criativo dentro dos ambientes escolares. Maturana (2008) também destaca o professor tendo um zelo com seu alunado, cuidando da construção do conhecimento, sendo o amor um modo de se



relacionar com o outro, aceitando, respeitando, sendo tolerante, confiando, sendo solidário para uma melhor construção e formação de todos. Precisamos utilizar dessas teorias para que possamos compensar e superar as dificuldades encontradas nas salas de aula.

É importante frisar que, a afetividade aplicada aos alunos deve ser usada de modo cuidadoso e pedagógico, para que os alunos não a confundam com a passividade, ou a perda do domínio, no sentido de liderança para com a turma.

Para essa nova geração de estudantes de pedagogia, faz necessário entender que educar é enriquecer a capacidade de ação e reflexão do ser aprendente, é progredir junto com os outros em sua volta. A educação é um eterno processo de transformação, com relação de convivência, pois o professor se transforma junto ao seu aluno e o aprendiz junto com o professor e seus demais companheiros, convivendo todos nesses ambientes educacionais gerando assim melhores compreensões. O processo de educar ocorre de maneira recíproca e continuamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo compreendemos que se faz necessário uma mudança no paradigma atual, focando na formação docente voltada a uma educação ampliada em que o ensino para a educação especial e inclusiva seja não só obrigatório, mas funcional, para obtermos melhores profissionais atuando nos ambientes escolares, tendo em vista que estes ambientes são complexos e compostos por uma multiplicidade de sujeitos.

Entendemos que esses ambientes educacionais devem ser compostos de espaços educativos onde alunos, professores, comunidade e tecnologias se relacionam mediados por processos cognitivos emocionais; espaços que permitam o fluir das emoções, imaginações, intuições, pelos quais esses sujeitos possam viver e conviver, a partir das múltiplas realidades existentes. Sendo esses ambientes não direcionados apenas para a aprendizagem de um certo conteúdo, mas também onde possam desenvolver suas inteligências individuais e coletivas.

Para que possamos conquistar esse ambiente desejado, temos não apenas que conhecer as teorias e aprender como aplicá-las porque, também é preciso entender como operar as dinâmicas energéticas desses ambientes, no rumo de facilitar a criação de cenários de redes de aprendizagem integrada, alimentada por processos de diálogos com base nos fundamentos da Biologia do Amor, proposto por Maturana (2008).

Ressaltamos que a educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os dilemas e, correlativamente, incentivar o pleno emprego da inteligência geral, para isso, a melhora nos ambientes de aprendizagem se torna um fator muito importante.



Pensar na educação inclusiva sem pensar nas ferramentas metodológicas mencionadas é pensar numa inclusão que exclui o aluno com necessidades especiais, é cumprir a lei que garante o direito daquele aluno estar incluído no ambiente escolar, mas negar-lhe o direito de aprender, ou seja, ele goza de seu direito de estar na escola, mas acaba sendo excluído por esse sistema tradicional de ensino, que não olha para cada sujeito em sua especificidade, mas acaba fazendo comparativos entre um e outro aluno, quando na realidade o que deveria ser avaliado era a evolução individual de cada sujeito, pois a complexidade e a diversidade existente em um ambiente escolar são gigantescas.

Cada sujeito é único e deve ser olhado como tal, por essa razão, mais do que nunca precisamos de professores que exerçam esse olhar para com o aluno e possua ferramentas teórico-metodológicas capazes de subsidiar a aprendizagem de todos, para que se garanta, não apenas o direito da pessoa com necessidade especial de estar na escola, mas principal e fundamentalmente o direito à aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 35 edição .Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. Cortez, 1998.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*, Florianópolis, v. 10 n. 2007. p. 37-45.

MARTINS, J. C.; PIMENTEL, L. da S. L. **O fazer pedagógico (Re)significando o olhar do educador**. Rio de janeiro: WAK, 2009.

MORAES, Maria Candido; NAVAS, Juan M. B.. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente**. Editora: WAK, 2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita; repensar a reforma – reformar o pensamento**. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PLETSCH, M. D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. *Educar em revista*. [online]. 2009, n.33, pp.143-156. ISSN 0104-4060. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602009000100010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 12 out 2016.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação* v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.